

MIT Technology Review

Publicado por TEC



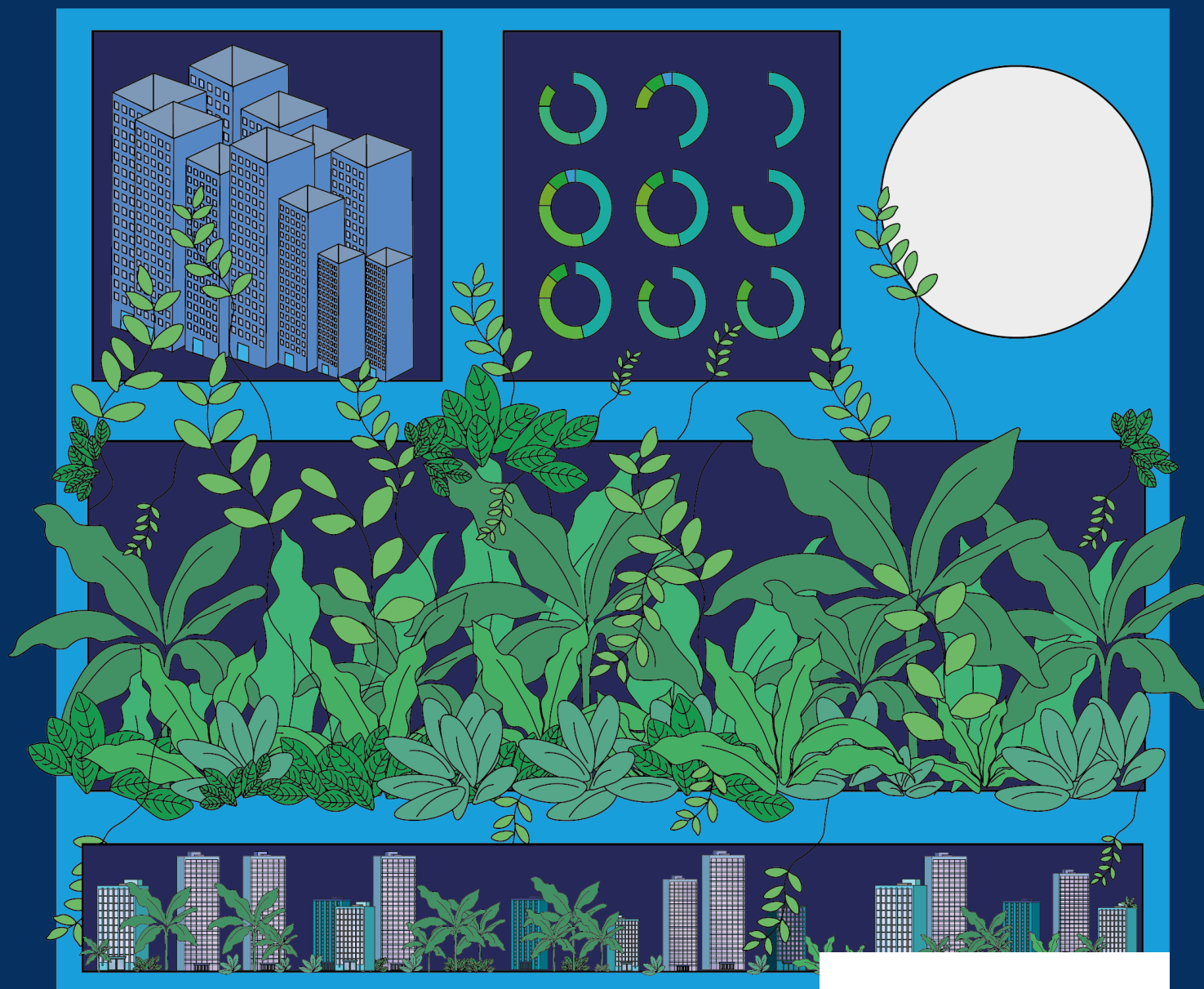
Special
Edition

Ano 01
Número 03

Julho
2021

Produzido em parceria com:

salesforce



ESG

A NOVA CARA
DO CAPITALISMO



ESG É A NOVA CARA DO CAPITALISMO

Atores do mundo corporativo miram modelo de governança alinhado a impactos sociais e ambientais. Clientes empresariais e consumidores comuns cobram ações efetivas por parte de empresas, que sofrem pressão por abandonar o modelo do resultado a todo custo.

Por **Fernando Arbex**

Se o capitalismo está em busca de uma identidade, ESG (sigla para Environmental, Social and Corporate Governance) é o que tende a aparecer nesse novo registro. Dados e ações apontam para uma abordagem atenta a possíveis impactos sociais e ambientais por trás da atividade empresarial. Um exemplo é a plataforma Boi na Linha, desenvolvida pelo Imaflora.

O Ministério Público Federal utiliza a ferramenta para fazer valer o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) na Amazônia. Além do órgão, empresas – entre elas, frigoríficos de todos os portes – também aderem ao projeto, que apoia um modelo de produção pecuária livre de irregularidades socioambientais. Para a Secretária Executiva do Imaflora, Marina Piatto, as corporações lidam com um cenário de mais complexidade do que no passado, por isso a adesão a iniciativas como o Boi Na Linha.

“As empresas sofrem pressões de vários ângulos, tanto do consumidor quanto do mercado financeiro, do varejo, da indústria. Um ator vai pressionando o outro para que as cadeias tenham mais sustentabilidade. Um cliente não vai comprar de uma empresa com denúncia de trabalho análogo à escravidão, o mercado de ações vai se afastar de quem está vinculado a desmatamento”, exemplificou a executiva ao Imaflora, uma organização sem fins lucrativos fundada em 1995 e que atua com a emissão de certificados florestais.

Ilustração por **Gabriella Carvalho**

“Existem muitos canais pelos quais as pessoas podem se tornar ativistas de alguma causa, isso preocupa as empresas”, afirmou Rosângela Sousa, que é Arquiteta de Implementação na Salesforce. Além de fornecer soluções de gestão de relacionamento com o cliente (CRM) e vender software, inclusive o utilizado pelo Boi na Linha, a companhia atua com o treinamento e o processo de ensinar empresas e instituições a dominarem as funcionalidades do sistema. O mesmo vale para órgãos que têm acesso ao produto por meio da Salesforce.org, responsável pelo trabalho Pro Bono da empresa de tecnologia.

Governança também envolve responsabilidade

Em resumo, está superado o conceito de buscar resultados a qualquer custo, sem avaliar riscos à imagem da companhia. Superintendente Executivo da Fundação Dorina Nowill para Cegos. Alexandre Munck garante: “Buscamos empresas que estão em sinergia com os nossos valores”. A declaração indica uma mudança de mentalidade entre executivos.

De acordo com pesquisa promovida pela plataforma Stilingue e o Pacto Global, iniciativa da ONU para encorajar empresas a adotarem políticas de responsabilidade social corporativa e sustentabilidade, o termo ESG só foi novidade em 2020 para 11% dos CEOs consultados.

“Como parte do desenvolvimento da governança e do desejo de termos uma gestão mais alinhada ao ESG, facilitando o acompanhamento de ações desenvolvidas, desde o ano passado, a Fundação está revisando seu planejamento estratégico já com uma visão macro de sustentabilidade financeira e principalmente social, para seguir impactando a vida de milhares de famílias por ano”, atestou Munck, representante da organização sem fins lucrativos que tem o propósito de promover a autonomia e a inclusão de pessoas cegas ou com baixa visão.

Meio ambiente é a bola da vez

A pesquisa do Pacto Global também mostra que, de uma forma geral, companhias têm mostrado mais compromisso com a pauta ambiental, reflexo do que se vê entre consumidores e atores do mercado. Segundo o estudo, 78% de Millennials e 84% de membros da geração Z declararam optar por investimentos sustentáveis.

Fundador e CEO da Salesforce, Marc Benioff tem como declarada a meta do carbono zero a ser alcançada na empresa, um desafio imenso para uma companhia do ramo de software. Como a emissão de carbono é inerente ao setor de tecnologia, o “contra-ataque” foi fazer parte da iniciativa One Trillion Trees, que prevê o plantio de 1 trilhão de árvores até 2030.

A contribuição da Salesforce se dá de duas formas. Uma delas é fornecer a tecnologia para o desenvolvimento do UpLink, uma plataforma digital produzida em parceria com o Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês), a Microsoft e a Deloitte. O objetivo é promover meios para que empreendedores, especialistas e outros atores consigam apresentar ideias e inovações alinhadas ao avanço das Metas de Desenvolvimento Sustentável do WEF.

A segunda forma de a Salesforce agir é “simples”: plantar 100 milhões de árvores ao longo desta década, sendo que em março de 2021 alcançou 10% deste objetivo. “Nós continuamos a proteger nosso planeta. A Salesforce opera com a energia que produz e todos nossos produtos são carbono neutros. No ano passado, nós reduzimos nossa pegada de carbono e seguimos atrás da meta de alcançarmos 100% de energia renovável até o ano fiscal de 2022”, disse Benioff, em carta assinada em abril a stakeholders da companhia.

Faz a diferença ou só diz que faz?

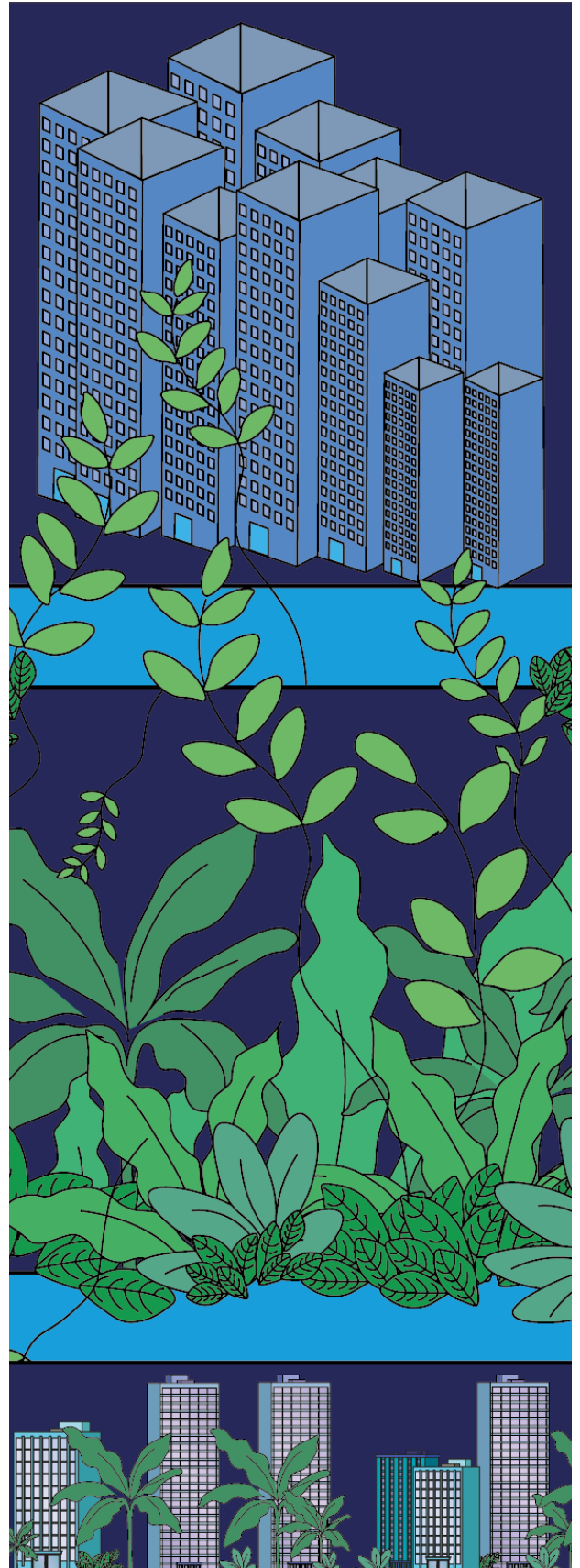
A pauta ambiental não é nova e também não é recente que empresas divulguem ações com

apelo positivo, seja com o objetivo de atrair consumidores ou de olho na reação do mercado financeiro. Entretanto, nem sempre essas iniciativas têm o impacto propagandeado. Algumas companhias ficaram marcadas por promover greenwashing, uma vez que o discurso ecológico não se confirmava na prática.

“O que a gente busca é utilizar toda a comunicação e a tecnologia para dar transparência e evidência. Procuramos publicar relatórios de todas as empresas certificadas pelo Imaflora. Expomos um resumo público das ações, relatórios de performance, em que estágio cada cadeia está”, explicou Marina Piatto, que é Secretária Executiva do Imaflora.

Para Marina, o problema não é alcançar resultados aquém dos previstos, mas não ser transparente. “As empresas devem mostrar exatamente o tamanho da ação e contar o que foi feito. Por exemplo, no Boi na Linha, se temos em um relatório que são 100 frigoríficos monitorados, é preciso dizer se ainda faltam 25. É uma questão de mostrar dados e fatos”, afirmou.

Colunista do MIT Technology Review, o especialista em design para sustentabilidade André Carvalho não vê problema em uma abordagem pragmática por parte das corporações. “Existe um movimento muito forte do capital verde. A valoração dessas empresas na Bolsa, todas essas políticas de governança ESG que estão sendo criadas. O mercado, os investidores, estão cobrando cada vez mais. No final das contas, em algum momento isso vai ser muito mais crítico do que é hoje. Eu vejo empresas se transformando por causa do capital”, afirmou Carvalho, em webinar promovido pela Fundação Getúlio Vargas. O especialista, porém, fez a ressalva de que políticas de sustentabilidade devem ser adotadas na mesma proporção que anunciadas. “O que eu acho que é inegociável é quando empresas



se aproveitam desse momento para fazer o greenwashing, que é você somente dizer que está fazendo. Ou fazer muito pouco enquanto potencializa na esfera da comunicação como se estivesse fazendo a diferença. Isso a gente não pode tolerar”, pontuou Carvalhal.

Brasil ainda engatinha

Os indicadores no Brasil mostram que, por enquanto, a pauta ambiental ainda carece de senso de urgência. É o que indica a pesquisa Global Stakeholder Series, que se propõe a observar o estado do mundo e projetar tendência do futuro do trabalho. Dados mostram que, em outubro de 2019, 35% dos participantes do estudo consideravam os problemas ambientais como prioritários. Já durante a pandemia, em junho de 2020, esse índice recuou para 21%.

A liderança em busca de melhores indicadores ambientais pode partir do mundo corporativo. Em sua 4ª edição no Brasil, a pesquisa da Salesforce

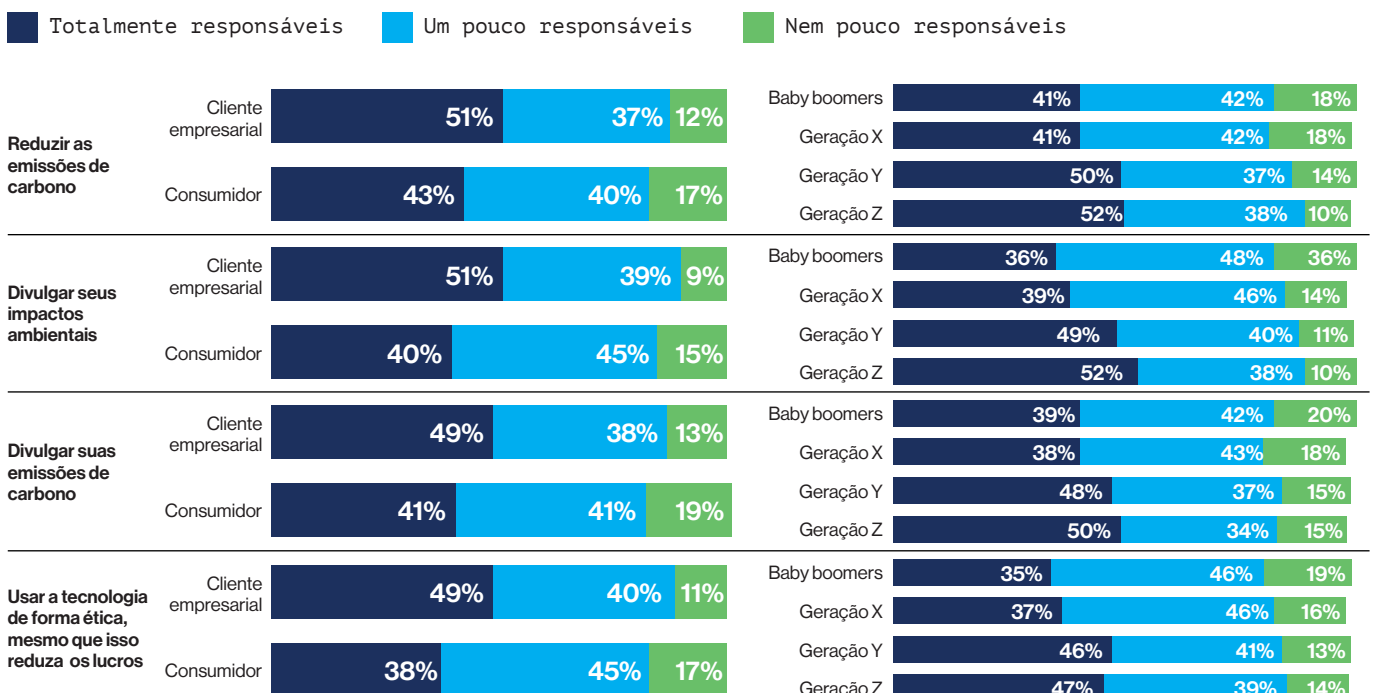
que estuda o comportamento do consumidor brasileiro mostra que o setor privado é considerado responsável por melhorar indicadores de meio ambiente.

Dos clientes empresariais consultados, 51% acreditam que as companhias são “totalmente responsáveis” por reduzir emissões de carbono e por divulgar relatórios de impactos ambientais. Nos dois casos, esse índice cai para 43% e 40%, respectivamente, quando são respostas de consumidores comuns. Ainda assim, só 17% dos consumidores comuns acreditam que as empresas são “nem um pouco responsáveis” por reduzir emissões de carbono e apenas 15% afirmam o mesmo quanto a se elas deveriam divulgar relatórios de impacto ambiental.

Empresas podem preencher vácuo de liderança

Para exercer esse e outros tipos de liderança, executivos e corporações podem se aproveitar de um vácuo a ser preenchido. Segundo a edição de

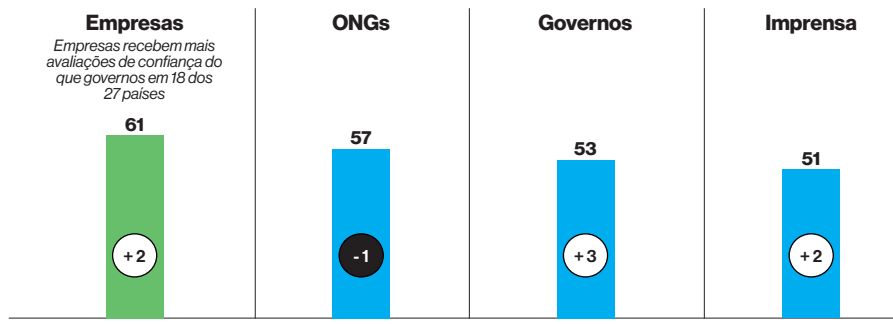
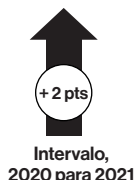
O quanto os clientes acreditam que as empresas são responsáveis pelas seguintes ações



Fonte: Salesforce.

Empresas se tornaram as únicas instituições em que se deposita confiança

Percentual de confiança



Pesquisa Edelman 2021 de Confiança. O índice de confiança é a porcentagem média entre ONGs, empresas, governos e imprensa.

2021 da medição de confiança feita pela Edelman, o setor privado foi o único que conquistou o selo de “confiável”, com 61 pontos, dois a mais do que em 2020. Organizações Não-Governamentais marcaram 57 pontos, governos e seus órgãos ficaram com 53, enquanto a mídia apareceu na última posição, com 51.

O setor privado foi considerado “mais confiável” do que o governo em 18 dos 27 países onde o estudo foi realizado. Segundo os parâmetros da pesquisa da Edelman, o setor privado foi o único dos quatro avaliados a integrar o espectro de “confiável” e “ético”, enquanto o governo ficou no quadrante que indica “menos competente” e “antiético”.

Com relação a CEOs, 86% dos participantes concordaram com a seguinte afirmação: “Eu espero que CEOs se manifestem sobre um ou mais desafios da sociedade, impacto da pandemia, automatização do trabalho, problemas sociais e problemas comunitários”. É de 68% o índice dos que concordam com esta frase: “CEOs devem tomar a iniciativa quando governos falham em resolver problemas sociais”.

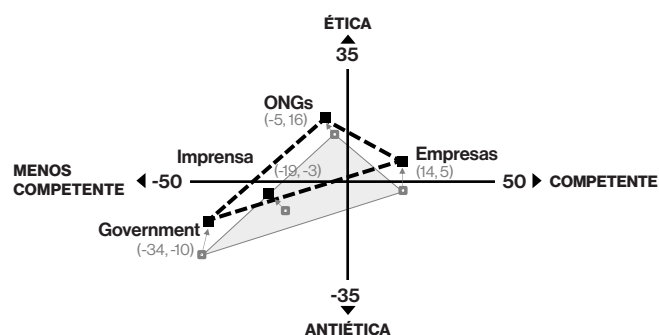
Secretária Executiva do Imaflora, Marina Piatto não acredita que o setor privado consiga substituir todas as funções atribuídas a governos

e instituições oficiais, mas enxerga um caminho em que o mundo corporativo toma a liderança.

“É difícil atribuir aos setores privados e corporativos a função do governo. Eles não se sobrepõem. Se um setor tem baixa confiança, o outro lado tem de mostrar mais. Na ausência de uma política sólida e uma economia abundante, temos de nos apoiar na tecnologia. O setor privado é mais ágil, mais antenado, acaba trazendo a tecnologia do mundo inteiro. É quase que uma

Empresas são as únicas instituições vistas como tanto competentes e éticas

(Pontuação do índice de competência, pontuação do índice de ética)



transferência, porque esses recursos acabam sendo utilizados em políticas públicas no futuro”, afirmou Marina.

Reconhecimento do mercado

Liderança não é conquistada apenas com a apresentação de dividendos. Conquistar a confiança da sociedade ou, em menor escala, de uma determinada comunidade, passa por causar um impacto na vida das pessoas. Arquiteta de Implementação da Salesforce, Rosângela Sousa afirma que, nos últimos tempos, passou a notar uma mentalidade diferente na relação entre empresas e o terceiro setor.

“Mudou muito nos últimos três anos. Não é mais aquela história de dar a vara para a pessoa pescar, mas construir condições para que se desenvolva. É ensinar como mudar. Na esteira da profissionalização desses setores, vejo que existe procura por cursos e mentoria, para ajudar nas causas sociais. Não pode depender só do governo”, opinou.

A Salesforce criou o modelo de filantropia Pledge 1%, em que a empresa oferece 1% de seus produtos, 1% dos lucros e/ou capital próprio e 1% do tempo dos colaboradores para apoiar entidades sem fins lucrativos. A iniciativa, que hoje conta com a adesão de uma série de companhias, é um esforço liderado por Atlassian, Entrepreneurs Foundation of Colorado, Rally for Impact, Salesforce.org e Tides.

“É um trabalho de formiguinha. Não é só querer ajudar, mas transformar uma situação e olhar de uma maneira profissional. Distribuir cesta básica, por exemplo, não é só colocar cesta básica em um carro e levar. Tem todo um trabalho de logística que você vê cruzar com o mundo corporativo”, afirmou a Arquiteta de Implementação.

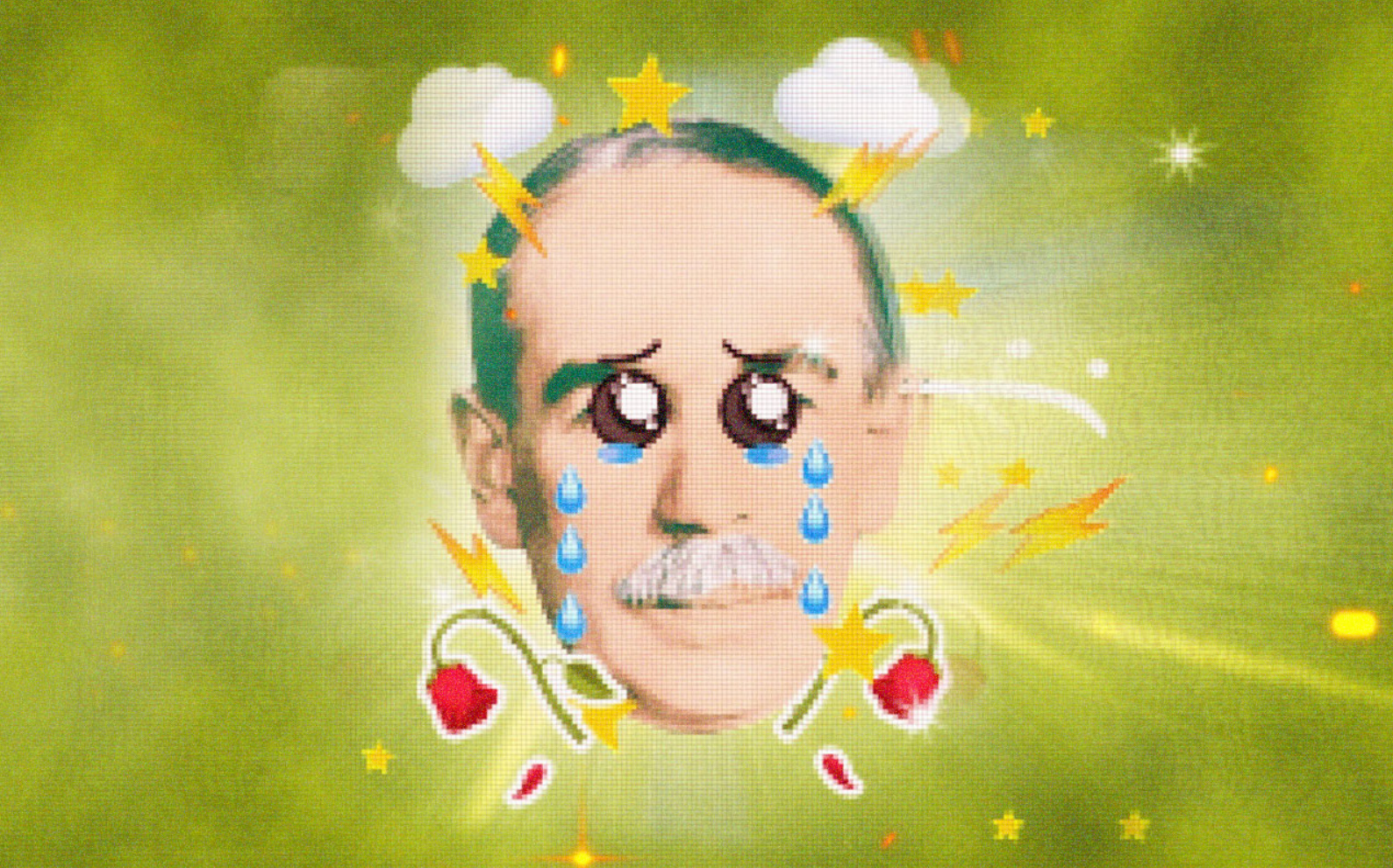
Diferencial

Rosângela Sousa relata que, antes da etapa de negociação, é comum potenciais clientes pedirem que a Salesforce faça apresentações de projetos de voluntariado mantidos por funcionários da companhia de software. “A empresa permite que se faça isso em horário comercial, há um determinado número de horas por ano que os funcionários têm para se dedicar a essas atividades”, afirmou. Entre outros exemplos, essas ações estão relacionadas a programas de inclusão de gênero e preservação do meio ambiente.

“Temos muita sinergia com os objetivos da Salesforce, que pretende chegar até 2023 em 50% do total de colaboradores sendo mulheres, negros, latinos, Povos tradicionais, Multirracial, LGBTQ+, pessoas com deficiência, e veteranos”, atestou o Superintendente Executivo da Fundação Dorina Nowill para Cegos, Alexandre Munck.

“A Teoria do Stakeholder chegou ao ponto da virada”, comentou o CEO da Salesforce, Marc Benioff, em janeiro, no Fórum de Davos. “O Capitalismo que conhecemos está morto. Essa obsessão que temos por maximizar os lucros para os acionistas causou incrível iniquidade e botou o planeta em situação de emergência. Quando servimos a todos os stakeholders, os negócios são a grande plataforma da mudança”, sentenciou o executivo. A “morte” de velhas práticas e o ponto da virada, anunciados por Benioff, indicam uma corrida: ficará em vantagem quem alcançar mais cedo o novo capitalismo. ■

Fernando Arbex é coordenador de conteúdo na MIT Technology Review Brasil.



KEYNES ESTAVA ERRADO. GERAÇÃO Z FICARÁ COM O PIOR

Em vez de um progresso sem fim, as crianças de hoje enfrentam um mundo à beira do colapso. E agora?

Por Malcolm Harris

O fundador da macroeconomia previu que o capitalismo duraria aproximadamente 450 anos. Esse é o período entre 1580, quando a rainha Elizabeth investiu ouro espanhol roubado por Francis Drake, e 2030, ano em que John Maynard Keynes assumiu que a humanidade resolveria o problema de nossas necessidades e passaria a lidar com preocupações maiores.

É verdade que hoje o sistema parece à beira da transformação, mas não da maneira que Keynes esperava. O destino da geração Z deveria ser o de aproveitar uma vida de lazer e criatividade. Em vez disso, eles se preparam para salários estagnados e uma crise ecológica.

Em um famoso ensaio do início dos anos 30 chamado “Possibilidades econômicas para nossos netos”, Keynes imaginou o mundo 100 anos no futuro. Ele previu fenômenos como a automação do emprego (que ele chamou de “desemprego tecnológico”), mas essas mudanças, ele acreditava, aumentavam o progresso: em direção a uma sociedade melhor e à libertação coletiva do trabalho. Ele estava preocupado que a transição para este mundo sem trabalho pudesse ser psicologicamente difícil e, por isso, sugeriu que as jornadas de três horas pudessem servir como um programa de transição, permitindo-nos adiar a profunda pergunta sobre o que fazer quando não há mais nada a fazer.

Bem, conhecemos os netos do título do ensaio de Keynes: eles são as crianças e os jovens adultos de hoje. A principal força de trabalho de 2030 nasceu entre 1976 e 2005. E, embora as previsões precisas que ele fez sobre a taxa de crescimento econômico e acumulação sejam surpreendentemente precisas, o que elas significam para essa geração é muito diferente do que ele imaginava.

Em vez de avançar em direção a uma utopia livre de trabalho, os EUA experimentaram o desaparecimento de empregos como uma espécie de mudança climática econômica. Previsões apocalípticas aparecem enquanto as comunidades pobres e da classe trabalhadora sofrem os efeitos dos primeiros impactos: estagnação salarial, locais de trabalho desregulados e inseguros, uma epidemia de dependência de opioides. A riqueza cada vez mais esbanjadora de uma ponta da sociedade não é menos perturbadora.

O que diabos aconteceu? Para descobrir por que a geração Z não será como Keynes previu, precisamos fazer algumas perguntas fundamentais sobre economia, tecnologia e progresso. Depois de presumirmos por um século que um mundo melhor apareceria no topo de tudo o que temos acumulado, as suposições parecem infundadas. As coisas estão piorando.

Há pouco tempo, como quando o primeiro boom da web ocorreu, duas décadas atrás, ainda era possível falar sobre desenvolvimento tecnológico e expansão econômica como sendo bom para todos. Pegue o exemplo de Webvan, a primeira (e posteriormente muito ridicularizada) startup de entrega de supermercado. A empresa planejava combinar a eficiência da internet e outros avanços com informações e logística para fornecer produtos de melhor qualidade a preços mais baixos, entregues diretamente aos

consumidores por trabalhadores mais bem pagos e mais bem treinados. É uma visão unívoca e keynesiana do desenvolvimento: não apenas todos os envolvidos se beneficiam individualmente como consumidores, funcionários ou capitalistas, mas a própria sociedade melhora eliminando necessidades e ascendendo a um plano mais elevado do ser.

Quando a Webvan foi à falência, os analistas assumiram que isso significava que a ideia principal estava irremediavelmente errada: simplesmente não faz sentido usar humanos para trazer às pessoas seus pedidos de supermercado. John Deighton, professor da Harvard Business School, quando perguntado sobre o futuro da indústria em 2001, disse: “Mercearias entregues em casa? Nunca”. No entanto, menos de 20 anos depois, posso pedir a uma das mais bem avaliadas empresas bilionárias do mundo (Amazon) entregue meu pedido por meio de sua marca de supermercado (Whole Foods) dentro de uma hora. E se isso não for rápido o suficiente, existem vários serviços de plataforma (Instacart, Postmates e outros) por meio dos quais posso contratar alguém para pegar meu pedido e trazê-lo para mim imediatamente. Profissionais independentes, sempre em movimento.

Para os consumidores, esses serviços tornaram a vida mais conveniente. Para os proprietários, os preços das ações e os lucros das empresas têm aumentado cada vez mais há décadas. Mas como trabalhadores, nós temos sofrido. A visão da Webvan de entregadores altamente treinados e pagos e em ascensão ficou para trás. O tratamento da Amazon a seus funcionários em todos os níveis é tão intensamente explorador que os ex-funcionários criaram sua própria forma de escrever: o “relatório”, um ensaio que expõe as dificuldades particulares e comuns de se trabalhar

na empresa. Uma parte seria um inquérito do trabalhador, outra, um diário do trauma.

Veja como um funcionário do armazém descreveu o fluxo de trabalho:

Nicolás Ortega

O fundador da macroeconomia previu que o capitalismo duraria aproximadamente 450 anos

“A Inteligência Artificial (IA) é o seu chefe, o chefe do seu chefe e o chefe do chefe do seu chefe: define as taxas alvo de produtividade, as cotas de turnos e a divisão do trabalho no armazém... Em última análise, o que isso significa para é que você raramente trabalha com as mesmas pessoas duas vezes, você fica isolado, realiza tarefas aleatórias de um turno para outro, trabalha para guardar, classificar, escolher ou embalar taxas que excedem bem sua média – porque seu supervisor disse isso e um programa disse a ele antes disso”.

Em vez de aliviar os trabalhadores do trabalho duro, as melhorias na tecnologia mecanizam sua eficiência, moldando os trabalhadores em formas irracionais. Em todos os departamentos, os funcionários da Amazon relatam serem forçados pelas circunstâncias de seus empregos a urinar em garrafas e latas de lixo. Usando camadas de acordos de subcontratação, as maiores empresas se isentam da responsabilidade de e para os trabalhadores com salários mais baixos.

Investigações recentes sobre o transporte da última milha de entrega da Amazon revelam motoristas exaustos cujo descuido, sem surpresa, mata pessoas. Mas quando se trata da comunidade empresarial, a empresa permanece exemplar.

Em todos os lugares, a ideia de libertação do trabalho parece um sonho. Trabalhadores que fabricam peças para iPhones foram expostos a produtos químicos tóxicos; a gigante fabricante taiwanesa Foxconn está regularmente no centro das atenções por más condições de trabalho. Os funcionários da Instacart Delivery entraram em greve para reclamar das mudanças que levaram a menos gorjetas; dois dias depois, a empresa cortou seus bônus (a Instacart diz que os dois eventos não têm relação). Os trabalhadores da plataforma de áudio Rev.com descobriram recentemente um corte salarial que significou que o Rev agora recebe 70 centavos de cada dólar que o cliente gasta na transcrição do áudio, e eles recebem apenas 30.

Os jovens americanos estão atingindo a idade de trabalhar em uma economia dominada pela Amazon, e não pela Webvan. De acordo com o Instituto de Política Econômica (em inglês, EPI), enquanto a produtividade do trabalhador aumentou 69,6% entre 1979 e 2019, o salário por hora aumentou apenas 11,6%. “A renda, os salários e a riqueza geradas nas últimas quatro décadas falharam em ‘gotejar’ para a grande maioria, ao que tudo indica porque as escolhas de políticas feitas em favor daqueles com maior renda, riqueza e poder exacerbaram a desigualdade”, diz o EPI. A diferença entre produtividade e remuneração é um aumento na exploração: trabalhadores fazendo mais e recebendo menos. Esse não era o plano.

Keynes e sua visão política saíram de moda quando o fundamentalismo do *laissez-faire* defendido por

Milton Friedman levou Reagan e Thatcher ao poder global. A visão antiga do futuro deu lugar a uma era de desregulamentação e privatização. Este foi o “fim da história”, com o livre mercado como o veículo adequado – talvez até inevitável – para a natureza humana.

Aqui, todos buscam seus interesses individuais e, juntos, isso resulta no melhor de todos os mundos possíveis – pelo menos enquanto o governo permanecer fora do caminho. Foram nos ensinado como fatos, por exemplo, que as políticas de controle de aluguel aumentam os aluguéis de maneira contraditória, que as leis de salário mínimo prejudicam contraditoriamente os salários, que o que se ganha dos cortes de impostos “gotejam” aos trabalhadores. (Hoje em dia, as atitudes sobre o controle do aluguel são mais sutis, enquanto os aumentos do salário mínimo aumentaram a renda na extremidade mais inferior. A teoria da economia do gotejamento foi a pior de todas; os ricos guardam e não reinvestem suas reduções fiscais.) A maioria das pessoas compraram o hype libertário e, quando a crise financeira global ocorreu em 2008, muitos ficaram surpresos ao descobrir que os mercados não estavam realmente se autorregulando da maneira como haviam sido informados.

Os resgates subsequentes, no entanto, dificultaram o debate sobre se os governos deveriam interferir no bom funcionamento da economia. E assim os economistas trouxeram as ideias de Keynes à tona novamente. Os países que seguiram com entusiasmo seus conselhos e usaram fundos públicos para estimular a demanda saíram da recessão muito melhor do que aqueles que hesitaram. Em retrospecto, a decisão da China em 2008 de injetar gastos com estímulos de mais de 12% do PIB parece inteligente. Nos Estados Unidos, democratas e republicanos concorrem

à presidência com a promessa de propostas de trilhões de dólares, não com apelos bipartidaristas para um orçamento equilibrado e um governo cada vez mais reduzido que costumávamos ouvir. O pêndulo balançou e Keynes voltou.

No entanto, mudar de Friedman para Keynes significa mais do que mexer com o sistema operacional da economia. Os dois homens tinham ideias diferentes, não apenas sobre como o capitalismo funciona, mas sobre para que serve. Friedman e seus seguidores viam o mercado como maximizando a liberdade do homem individual de buscar seu próprio interesse e, portanto, uma vez que a busca pelo interesse próprio é simplesmente a natureza humana, maximizando o bem-estar coletivo. O capitalismo era o meio e o fim.

Keynes, por outro lado, um excelente exemplo da nobreza inglesa que ele era, não podia considerar o mais alto exemplo de virtude o ato de só pensar em dinheiro. Tinha que ter algo a mais. Para Keynes, o tipo mais perigoso de avareza não era tentar ganhar dinheiro, mas mantê-lo nos bolsos por muito tempo. A única maneira de manter o bem-estar popular e os empregos em alta era produzir e consumir cada vez mais – não porque é da nossa natureza, mas porque é assim que o sistema funciona: ele deve crescer para sobreviver. Mas, um dia, ele previu, a corrida terminará, e todos nós poderemos parar de fingir que o capitalismo não é uma maneira psicótica e destrutiva de viver na Terra.

Em “Netos”, Keynes aguardava ansiosamente o dia em que “seremos capazes de estimar o dinheiro pelo seu verdadeiro valor”. Ele continuou:

“O amor ao dinheiro como uma possessão – distinto do amor ao dinheiro como um meio para atingir os prazeres e as necessidades da

vida – será reconhecido pelo que ele é, uma morbidez um tanto repugnante, uma dessas propensões semicriminosas, semipatológicas que se encaminham com horror aos especialistas em doença mental”.

O capitalismo, para Keynes, não se justifica sozinho. “Haverá”, escreveu ele, “classes e grupos de pessoas cada vez maiores, dos quais os problemas de necessidade econômica foram praticamente eliminados”. Mas ele nunca identificou o mecanismo que acabaria com o jogo de acumulação capitalista. Mesmo se produzíssemos coisas suficientes para passar essa linha de chegada, como saberíamos? E quem vai fazer a parte rica compartilhar ou até mesmo que parem de ganhar mais? Ele sabia que poderíamos continuar crescendo nesse sentido por apenas um certo período de tempo, mas descartou a revolução. Em vez disso, ele pensou que os proprietários fariam a coisa certa.

Não ser Milton Friedman não é o mesmo que estar certo sobre como o mundo funciona. Keynes estava certo sobre as previsões de crescimento e ciclos de negócios e política fiscal, mas se ele estiver errado quando disse que o capitalismo simplesmente terminaria por si próprio, a justificativa fundamental para todo o seu programa desmorona. Nesse caso, toda a sociedade está amarrada ao banco da frente da corrida semicriminosa e semipatológica para consumir o futuro com antecedência, sem fim virtuoso no horizonte.

Ops...

**Para grande surpresa de todos,
os netos de Keynes
tornaram-se marxistas.**

Se o espectro da economia tradicional vai de Friedman a Keynes – do capitalismo como um fim em si mesmo ao capitalismo como um meio para algo além dele – então o que precisamos agora é de uma crítica do que os dois compartilham: uma crítica da própria economia. A maioria dessas críticas foi trancada em um baú e empurrada para debaixo da cama no final dos anos 80 e início dos anos 90, mas não desapareceram.

O crítico mais famoso e influente da economia continua sendo Marx. Keynes não pensava muito bem do homem; nas reflexões do economista britânico sobre sua visita à Rússia soviética em 1925, ele se recusou a nomeá-lo, fazendo referências pontuais a judeus “avarentos”. Mas o comunista que não deve ser nomeado tinha uma visão diferente para o futuro do desenvolvimento econômico.

A “teoria do pauperismo” de Marx é uma ideia bastante fácil de resumir: como os capitalistas ganham dinheiro com cada hora de trabalho dos trabalhadores, eles ficam cada vez mais ricos com o tempo, enquanto os trabalhadores não o fazem porque estão ocupados demais ganhando dinheiro para os capitalistas. Uma maré alta move apenas grandes barcos; todo os demais têm que nadar.

Se a tecnologia reduzisse a necessidade de trabalho, imaginou Marx, os trabalhadores seriam simplesmente obrigados a trabalhar mais, com mais esforço, com mais eficiência ou em outras coisas. A tecnologia criaria uma população de desempregados desesperados que poderiam trabalhar para fabricar artigos de luxo, para os quais haveria um mercado sempre crescente – embora crescessem apenas em termos de dinheiro, não em termos do número de pessoas ricas o suficiente para comprá-los. Em vez de aumentar o bem comum, não a desigualdade, a

exploração e a miséria que se acumulam. O que os trabalhadores vêm construindo esse tempo todo é sua própria subordinação, e eles estão fazendo um bom trabalho.

Depois de décadas em aberto, mesmo entre os supostos marxistas, a teoria do pauperismo parece empiricamente forte – especialmente quando comparada com a visão de Keynes de grupos cada vez maiores de pessoas se formando com o peso da necessidade econômica no paraíso do lazer em tempo integral, ou com a crença de Friedman de que quanto maior a riqueza no topo da sociedade, maior ela será para todos.

E os trabalhadores não eram a única coisa que Marx via se acostumando: “Todo progresso na agricultura capitalista é um progresso na arte de roubar não só o trabalhador, mas o solo”, escreveu ele. “Todo progresso em aumentar a fertilidade do solo por um dado tempo é um progresso para arruinar as fontes de longa duração dessa fertilidade.” O ambientalismo não era um princípio básico do pensamento de Marx, mas, diferentemente dos economistas, ele compreendeu intuitivamente que a produção extrativa tinha limites naturais. A única resposta para essa espécie neste planeta é descartar toda a forma de produção, com seus trabalhadores e capitalistas, suas cidades e áreas rurais, seus vastos montes de coisas e seu globo vazio.

À medida que nos aproximamos de 2030 – o ano em que o capitalismo deveria terminar, o tempo em que deveríamos avançar e nos elevar – as previsões não são as melhores. Em outubro de 2018, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) concluiu que o aquecimento global provavelmente atingirá 1,5°C entre 2030 e 2052 se as temperaturas continuarem a aumentar na taxa atual. No caso de

atingirmos essa marca, os especialistas preveem um aumento entre 26 e 77 centímetros (10 e 30 polegadas) no nível do mar, um rápido aumento nas extinções de espécies, centenas de milhões de pessoas experimentando escassez de água e alimentos e condições meteorológicas extremas que a espécie humana moderna nunca encontrou. Temos armazenado não apenas riqueza, mas também desastres.

Um sinal de protesto na greve climática da juventude colocou sucintamente: “Você morrerá de velhice. Nós vamos morrer pela mudança climática”. As crianças de hoje nunca tiveram a chance de acreditar em uma narrativa de progresso simples. A jovem líder do movimento, Greta Thunberg, levou a mensagem ecogeracional à Cúpula de Ação Climática das Nações Unidas: “As pessoas estão sofrendo e estão morrendo. Os nossos ecossistemas estão entrando em colapso”, ela repreendeu. “Nós estamos vivenciando o começo de uma extinção em massa. E tudo o que vocês fazem é falar de dinheiro e de contos de fadas sobre um crescimento econômico eterno. Como ousam!”

O grupo mais jovem, as pessoas em todo o mundo que Thunberg representa, não têm escolha a não ser estabelecer novos padrões de bem-estar social – padrões além do crescimento do PIB. Precisamos tirar o carbono da atmosfera e os plásticos do oceano, manter o petróleo no solo e conservar as espécies não domesticadas que ainda estão vivas. Qualquer outra coisa é um fracasso catastrófico. Os jovens parecem estar à altura do desafio e, mesmo que a imprensa tenha exagerado de vez em quando, a afinidade dos millennials e da geração Z pelo socialismo é real. Passou-se mais de uma década desde a crise de 2008 e, nos Estados Unidos, estamos na maior expansão econômica da história, mas cada vez

mais pesquisas mostram políticas de esquerda que persistem nos grupos mais jovens. Uma pesquisa da YouGov constatou que o apoio ao capitalismo entre os americanos com menos de 30 anos caiu de 39% para 30% entre 2015 e 2018 – 14 pontos percentuais abaixo da média e 26 pontos abaixo da média para idosos.

As crianças reconhecem que o capitalismo tem usado recursos humanos e naturais em vez de construir uma sociedade melhor. Em vez de uma mera reação contra a bolha imobiliária e ao aquecimento global, podemos ver uma compreensão profunda e emergente. Para grande surpresa de todos, os netos de Keynes tornaram-se marxistas.

Quando Keynes escreveu que esperava pela “maior mudança que já ocorreu no ambiente material da vida para os seres humanos em conjunto”, ele estava se referindo a nós, agora. E parece que ele estava certo, pelo menos de certa forma. O destino de nossa espécie – e muitas outras – está por um fio.

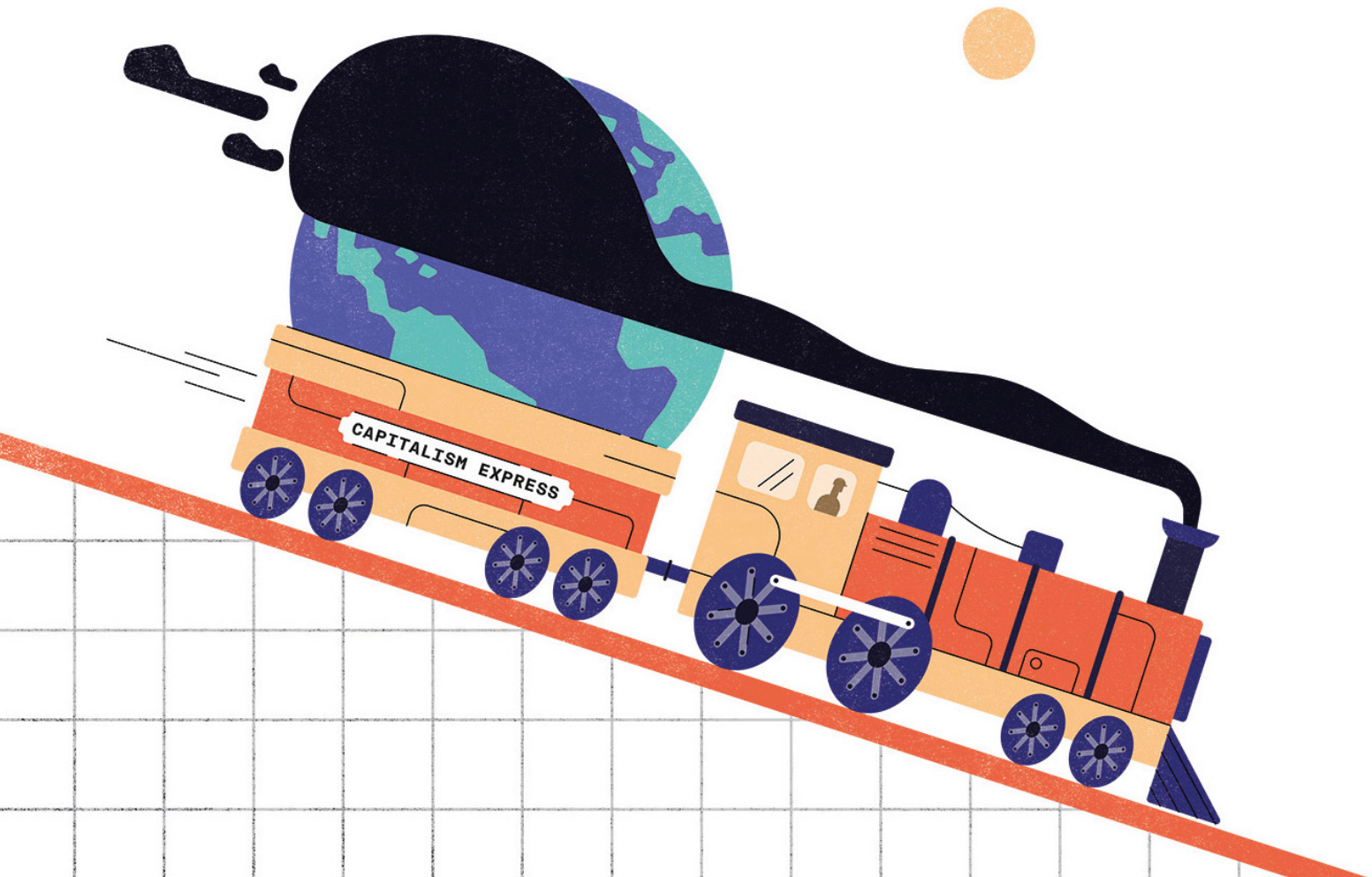
Embora a conclusão final de Keynes agora pareça fantasiosa, há pontos de sua previsão de 1930 que não estavam totalmente errados. Além de acertar mais ou menos a taxa de crescimento, Keynes achava que seríamos o grupo geracional responsável por acabar com o capitalismo. O sistema não seria sustentável por mais 500 anos. Em um certo nível de desenvolvimento tecnológico e acumulação de capital, o capitalismo se torna não apenas explorador ou mesmo genocida (algo há muito provado); torna-se difícil reconciliar com a própria humanidade.

Como o futebol americano, onde o tamanho e a força cada vez maiores dos jogadores causam danos cerebrais quase certos nos níveis mais

altos do jogo, a produção capitalista se tornou um risco objetivo para toda a sociedade humana.

De uma maneira ou de outra, é provável que a força de trabalho de 2030 seja a última verdadeira coorte do capitalismo de mercado. É difícil dizer o que vem a seguir, mas isso deve acontecer muito em breve. Os netos de quem Keynes falou estão aqui há um tempo. Quer consigamos ou não entender o que isso significa com antecedência, o novo está aqui. ■

Malcolm Harris é editor na Filadélfia e autor de *Kids These Days* e de *Shit Is Fucked Up and Bullshit*.



O CAPITALISMO ESTÁ EM CRISE. PARA SALVÁ-LO, PRECISAMOS REPENSAR O CRESCIMENTO ECONÔMICO

O fracasso do capitalismo em resolver nossos maiores problemas está levando muitos a questionar um de seus preceitos básicos.

Por David Rotman

Mesmo antes da pandemia da Covid-19 e do colapso resultante de grande parte da economia mundial, uma crise no capitalismo era claramente evidente. Mercados livres irrestritos levaram a desigualdade de renda e riqueza a níveis extremamente altos nos Estados Unidos. O lento crescimento da produtividade em muitos países ricos prejudicou as oportunidades financeiras para uma geração. As empresas, mesmo não mais ignorando o aquecimento global, pareciam impotentes para fazer mudanças que pudessem retardá-lo.

E então veio a pandemia, com milhões de pessoas perdendo seus empregos, e em seguida os violentos incêndios florestais, alimentados pela mudança climática, que atingiram a costa oeste dos EUA. Todos os sinais latentes de um sistema econômico disfuncional, de repente, tornaram-se desastres totalmente evidentes.

Não é de se admirar que muitos nos Estados Unidos e na Europa tenham começado a questionar os fundamentos do capitalismo — particularmente sua devoção aos mercados livres e sua fé no poder do crescimento econômico para criar prosperidade e resolver nossos problemas.

A antipatia pelo crescimento não é nova; o termo “decrecimento” foi cunhado no início dos anos 1970. Mas, atualmente, as preocupações com a mudança climática, bem como com o aumento da desigualdade, estão fazendo com que ele ressurgisse como um movimento.

Os apelos pelo “fim do crescimento” ainda estão à margem econômica, mas os argumentos do decrecimento foram adotados por movimentos políticos diferentes como a Rebelião da Extinção (XR, em inglês) e o populista Movimento 5 Estrelas na Itália. “E tudo o que vocês fazem é falar de dinheiro e de conto de fadas sobre um crescimento econômico eterno. Como vocês se atrevem!” esbravejou Greta Thunberg, a jovem ativista sueca do clima, durante a abertura do Encontro de Cúpula sobre Ação Climática com diplomatas e políticos na Semana do Clima da ONU em 2019.

No centro do movimento de decrecimento está uma crítica ao próprio capitalismo. Em *Less Is More: How Degrowth Will Save the World*, Jason Hickel escreve: “O capitalismo é fundamentalmente dependente do crescimento”. E não é voltado “para um propósito específico, mas para um interesse próprio”, continua.

Reescrevendo o capitalismo: algumas leituras obrigatórias

Reimagining Capitalism in a World on Fire
POR REBECCA HENDERSON

A economista da Harvard Business School argumenta que as empresas podem desempenhar um papel importante na melhoria do mundo.

Boa economia para tempos difíceis (em inglês, *Good Economics for Hard Times*)
POR ABHIJIT V. BANERJEE E ESTHER DUFLO

Os economistas do MIT e ganhadores do Nobel de 2019 explicam os desafios de impulsionar o crescimento tanto nos países ricos quanto nos pobres, onde realizam grande parte de suas pesquisas.

Fully Grown: Why a Stagnant Economy Is a Sign of Success
POR DIETRICH VOLLRATH

O economista da Universidade de Houston argumenta que o crescimento lento em países ricos como os Estados Unidos é bom, mas precisamos tornar os benefícios dele mais inclusivos.

Less is More: How Degrowth Will Save the World
POR JASON HICKEL

Uma voz importante no movimento de decrecimento que fornece uma visão geral do argumento para encerrar o crescimento. É um diagnóstico convincente dos problemas que enfrentamos, mas como o fim do crescimento resolverá qualquer um deles não é tão claro.

Hickel e seus companheiros fiéis ao conceito de decrecimento afirmam que esse crescimento sem sentido é muito ruim para o planeta e para o nosso bem-estar espiritual. Precisamos, escreve Hickel, desenvolver “novas teorias da existência humana” e repensar nosso lugar no “mundo vivo”. (Hickel descreve plantas inteligentes e sua capacidade de se comunicar, o que é tanto botanicamente controverso quanto economicamente confuso.) É tentador descartar tudo isso e focar apenas em uma engenharia social de nosso estilo de vida do que pensarmos em reformas econômicas reais. Embora Hickel, um antropólogo, dê algumas sugestões (“corte de publicidade” e “fim da obsolescência planejada”), há pouco sobre os passos práticos que fariam uma economia sem

crescimento funcionar. Desculpe, mas falar sobre a inteligência das plantas não resolverá nossos problemas; não alimentará pessoas famintas nem criará empregos bem remunerados.

Ainda assim, o movimento de decrescimento tem um ponto: diante das mudanças climáticas e das lutas financeiras de muitos trabalhadores, o capitalismo não está conseguindo resolver as questões emergentes.

Crescimento lento

Mesmo alguns economistas fora do campo do decrescimento, embora não rejeitem inteiramente a importância do crescimento, estão questionando nossa devoção cega a ele.

Um fator óbvio que está abalando a crença deles é que o crescimento tem sido ruim por décadas. Houve exceções a essa lentidão econômica — durante o final da década de 1990 e início da década de 2000 nos Estados Unidos e em países em desenvolvimento como a China que corriam para alcançar o crescimento americano. Mas alguns estudiosos, notadamente Robert Gordon, cujo livro de *The Rise and Fall of American Growth* (2016) desencadeou muita reflexão econômica, estão percebendo que o crescimento lento pode ser o novo normal, não um fenômeno transitório, para grande parte do mundo.

Gordon acreditava que o crescimento “terminou em 16 de outubro de 1973, ou por aí”, escrevem os economistas do MIT Esther Duflo e Abhijit Banerjee, em *Good Economics for Hard Times*, livro ganhador do Prêmio Nobel de 2019. Fazendo referência a Gordon, eles destacam o dia em que o embargo do petróleo da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) começou. Depois disso, o crescimento do PIB nos EUA e na Europa nunca se recuperou totalmente.

A dupla, é claro, está sendo um tanto jocosa ao relacionar o final do crescimento a um dia específico. Seu ponto principal: o forte crescimento aparentemente desapareceu quase da noite para o dia, e ninguém sabe o que aconteceu.

Duflo e Banerjee oferecem explicações possíveis, apenas para descartá-las. Eles escrevem: “O resultado final é que, apesar dos melhores esforços de gerações de economistas, os mecanismos profundos de crescimento econômico persistente permanecem indefinidos”. Nem sabemos como revivê-lo. Eles concluem: “Dito isso, nosso argumento é que pode ser hora de abandonar a obsessão de nossa profissão com o crescimento econômico”.

Nessa perspectiva, o crescimento não é o vilão do capitalismo de hoje, mas — pelo menos medido pelo PIB — é uma figura que está perdendo relevância. Não há motivo para preocupação com crescimento lento, diz Dietrich Vollrath, economista da Universidade de Houston, pelo menos não em países ricos. É em grande parte o resultado de taxas de natalidade mais baixas — uma força de trabalho cada vez menor significa menos produção — e uma mudança para serviços para atender às demandas de consumidores mais ricos. Em qualquer caso, diz Vollrath, com poucas maneiras de mudá-lo, podemos muito bem abraçar o crescimento lento. “É o que é”, diz ele. Vollrath diz que quando seu livro *Fully Grown: Why a Stagnant Economy Is a Sign of Success* foi lançado em janeiro de 2020, ele “foi adotado pelos defensores do decrescimento”. Mas, ao contrário deles, o autor é indiferente se o crescimento termina ou não; em vez disso, ele quer mudar o foco da discussão para criar maneiras mais sustentáveis de usar as tecnologias e alcançar outros objetivos sociais, quer as mudanças impulsionem o crescimento ou não. “Agora há uma desconexão entre o PIB e se as coisas estão melhorando”, diz ele.

Vivendo melhor

Embora os Estados Unidos sejam a maior economia do mundo medida pelo PIB, está se saindo mal em indicadores como desempenho ambiental e acesso à educação e saúde de qualidade, de acordo com o Índice de Progresso Social, divulgado no final do verão de 2020 por um grupo de especialistas sediados em Washington. No ranking anual (feito antes da pandemia do coronavírus), os EUA estavam em 28º lugar, muito atrás de outros países ricos, incluindo aqueles com taxas de crescimento mais lento do PIB.

“Você pode gerar todo o PIB que quiser”, diz Rebecca Henderson, uma economista da Harvard Business School, “mas se as taxas de suicídio e depressão aumentarem e a taxa de crianças morrendo antes dos quatro anos sobe, não é o tipo de sociedade que você queira construir”. Precisamos “parar de depender totalmente do PIB”, diz ela. “Deve ser apenas uma métrica entre muitas”.

Parte do problema, ela sugere, consiste em “sermos incapazes em imaginar que o capitalismo pode ser feito de forma diferente, que pode funcionar sem queimar o planeta”.

Em sua perspectiva, os EUA precisam começar a medir e valorizar o crescimento de acordo com seu impacto nas mudanças climáticas e no acesso a serviços essenciais, como saúde. “Precisamos de crescimento autoconsciente”, diz Henderson. “E não de um crescimento a qualquer custo”.

Daron Acemoglu, outro economista do MIT, acredita que falta uma “nova estratégia de crescimento” voltada para a criação de tecnologias necessárias, para resolver nossos problemas mais urgentes. Acemoglu descreve o crescimento atual como sendo impulsionado por grandes corporações comprometidas com tecnologias digitais, automação e Inteligência Artificial. Essa

concentração da inovação em algumas empresas dominantes gerou desigualdade e, para muitas, estagnação salarial.

As pessoas no Vale do Silício, diz ele, muitas vezes admitem que isso é um problema, mas argumentam: “É o que a tecnologia quer. É o caminho da tecnologia”. Acemoglu discorda; fazemos escolhas deliberadas sobre quais tecnologias inventamos e usamos, diz ele.

Acemoglu argumenta que o crescimento deve ser direcionado por incentivos de mercado e por regulamentação. Essa, ele acredita, é a melhor maneira de garantir a criação e a implantação de tecnologias de que a sociedade precisa, em vez de tecnologias que simplesmente geram lucros enormes para alguns.

Quais são essas tecnologias? “Não sei exatamente”, diz ele. “Eu não sou um vidente. Desenvolver essas tecnologias não tem sido uma prioridade e não temos conhecimento de suas capacidades”.

Transformar tal estratégia em realidade dependerá da política. E o raciocínio de economistas acadêmicos como Acemoglu e Henderson, teme-se, provavelmente não será politicamente popular já que ignoram os altos apelos da esquerda para o fim do crescimento e as decididas demandas da direita que os mercados livres continuem irrestritos.

Mas, para aqueles que não estão dispostos a desistir de um futuro de crescimento e da vasta promessa de inovação para melhorar vidas e salvar o planeta, expandir nossa imaginação tecnológica é a única escolha real. ■

David Rotman é editor geral na MIT Technology Review.

Conheça a MIT Technology Review Brasil

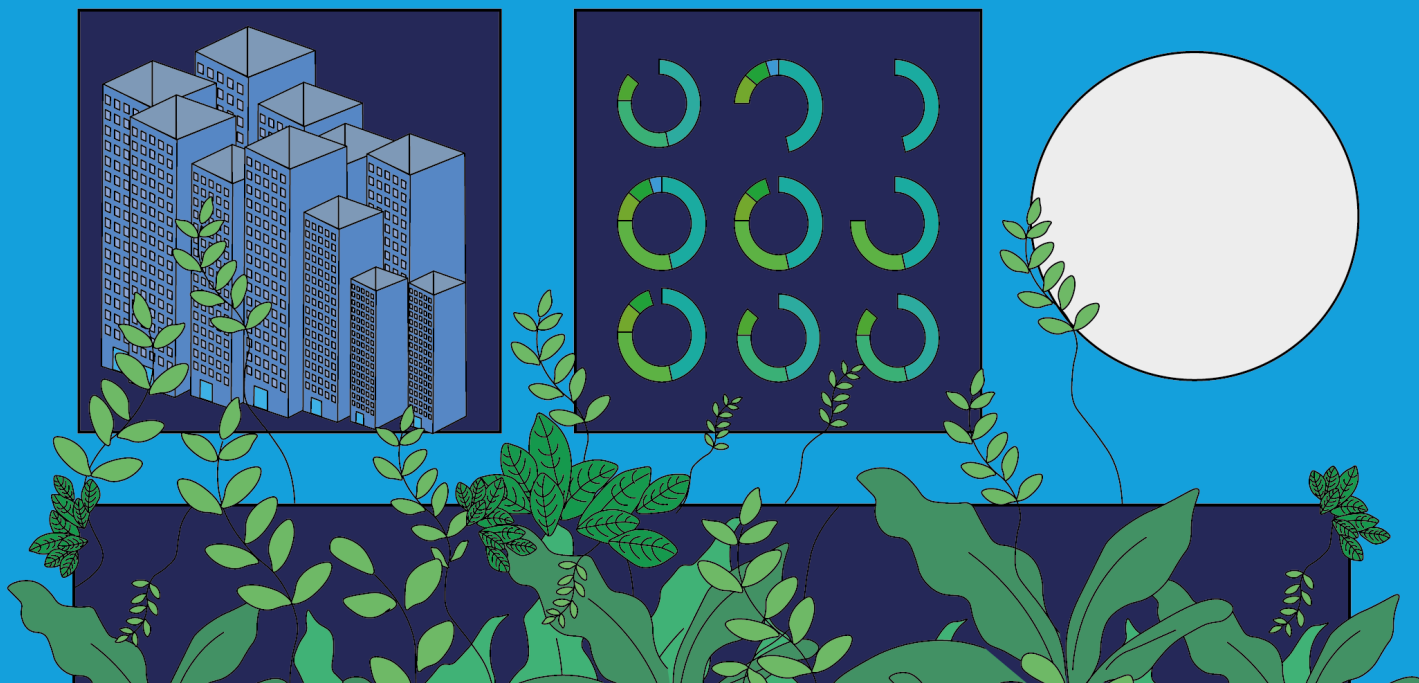
Tome decisões mais embasada
conscientes sobre a tecnologia por
meio de jornalismo de autoridade,
influyente e confiável.



[/MITTechReviewBR](#)

Acesse nosso site: mittechreview.com.br





André L. Miceli

CEO e Editor-chefe
MIT Technology Review Brasil

Iago Ribeiro

Chief creative officer
MIT Technology Review Brasil

Fernando Arbex

Coordenador de conteúdo
MIT Technology Review Brasil

Pedro Brito

Coordenador de design
MIT Technology Review Brasil

Amanda Bordignon

Designer
MIT Technology Review Brasil

Gabriella Carvalho

Ilustradora
MIT Technology Review Brasil

MIT
Technology
Review
Publicado por TEC

Nossa missão é inspirar a inovação e a aquisição de conhecimento, bem como aumentar a conscientização sobre o poder da tecnologia na sociedade, das ciências humanas e negócios, a fim de construir um futuro melhor para os amantes e líderes de tecnologia de língua portuguesa.

Fale Conosco

redacao@mittechreview.com.br

Anuncie

www.mittechreview.com.br/anuncie

mittechreview.com.br

[!\[\]\(588839c7e65636dffdd089c6ebe54d37_img.jpg\)](#) [!\[\]\(baf23ec20ffd14ae7377cc4068688de4_img.jpg\)](#) [!\[\]\(7729ff8ec5aa0c5e84bad25cf7254ab2_img.jpg\)](#) [!\[\]\(2ea40b207be38a6190a543bf95892486_img.jpg\)](#) /mittechreviewbr

Produzido em parceria com:

salesforce